

NÃO SER/ SER EM JORGE BARBOSA

O tema da sinceridade na obra poética de Jorge Barbosa assume uma significação não só estética, mas também ontológica. O homem poeta torna-se observador de si próprio, mesmo quando fala de mundo dos objectos. É exactamente na sua relação com o espaço físico, social e político que o conhecimento de *eu* se realiza de uma forma mais completa. A máxima de Sócrates "Conhece-te a ti próprio e deixa a natureza aos deuses" começa, pois, por "conhece o mundo no qual tu vives".

A partir daí estabelece-se a relação ser/estar que nem sempre é conforme e harmónica. Nessa desarmonia desenha-se a alteridade, e outro "ego", expresse no "desejaria ser" e, mais concretamente no "deveria ser".

Deste modo, o "ser em si" e o "ser aí" questionam-se entre a consciência ética e pragmática. Entre eles existe e mede que o poeta confessa e que deve advir da consciência das coisas. E acontece aquilo que Yvette Centeno diz a propósito de Fernando Pessoa: "O olhar que as coisas lhe deitam e que o intimida é reflexo de seu próprio olhar sobre elas, não menos intimidante. Ambos prontos a arrancar a Máscara, a desvendar por trás algum sentido horrível na própria ausência horrível de sentido (como se esta, só por si não bastasse)" (1)

Deste modo, o poema pode tornar-se exercício metafísico do Eu, mas sempre em função e análise com o mundo que o cerca. Exercício um tanto difícil, pois que o Eu não se pode pôr à janela para se ver passar na rua. Além disso, a presença do observador perturba o comportamento do observado, com mais forte razão quando ambos estão confundidos num só. O Eu que o Eu observa corre o risco de não ser aquele que esse Eu deseja que seja observado. Desta forma, o Eu revelado pelo poeta pode servir apenas o seu narcisismo intelectual, o *de* de si próprio, ou melhor, tornar-se inquisição da sua consciência, deixando assim, de ser observa-

(1) Yvette Centeno, Stephen Reckert, FERNANDO PESSOA, TEMPO-SOLIDÃO-HERMETISMO, Lisboa, Moraes Editoras, 1978, p.142.

ção para se transformar num jogo de espelhos deformados. Mas, por outro lado, estando o "eu" em íntima correlação com o mundo institui-se como Eu social, imagem e consciência de um Eu colectivo com os seus anseios, os seus medos e frustrações.

O projecto existencial situado na busca do auto-conhecimento e do conhecimento exterior traça o percurso que vai do "ser" ao "estar". Nessa passagem descobre-se a incompatibilidade de que resulta a falência confessada pelo poeta:

"Sou o Pedro Cem
que sonhou cem
e não teve um"

No percurso entre o que é e o que sonhou existe uma conformidade que é depois anulada na prática.

No desajustamento entre as duas instâncias "ser" e "estar" configura-se o contraponto não ser/ser.

Essa situação resulta do conflito que, desde os primeiros poemas, é resumida pelo contraponto liberdade/prisão, sendo a liberdade da área do "ser", da interiorização, representando o anseio colectivo do Homem, e a prisão da área do "estar", definida pela impotência quer de a anular quer de agir sem coerções.

Esta temática surge nos versos "Diago no peito um pássaro fechado/ que não posso matar , que não possa soltar" (In "O Pássaro Fechado") ou no poema "Prisão"

"Pobre do que ficou na cadeia,
de olhar resignado,
a ver das grades quem passa na rua!

Pobre de mim que fiquei detido também
na ilha desolada da minha prisão!"

Do relacionamento do sujeito poético com o espaço ilha, deriva aquilo a que podemos denominar insularidade , isto é, o sentimento de solidão, de nostalgia que o ilhéu experimenta face ao isolamento e aos limites da fronteira líquida que o separam do mundo, criando-se um estado de angústia e de ansiedade, constituindo-se como núcleo fundador ideológico de toda uma estética poética. Insularidade que é, antes de mais nada, cabo-verdiana, particularizada por factores geográficos, climatéricos, antropológicos, sociais, económicos e políticos.

Mas se a prisão se instaura pela própria dialética dos espaços (espaço ilha em confronto com o mar, espaço aberto), donde toda a temática da viagem, ela desenvolve-se no espaço e tempo psicológicos, onde a expressão da liberdade intelectual é vigiada e sujeita ao rigoroso exame de outros elos punitivos e repressivos.

O sujeito poético reinventa novos rostos para, subtilmente, subverter a ordem estabelecida.

Como viajante em espaços imaginários, através da via onírica, do sentimento religioso, do percurso da Morte (onde a vida se renova a cada instante) no Mito, no retorno às origens e no regresso à infância, o agente poético procura incansavelmente encontrar as várias formas de ser Eu.

Coloca-se, assim, a interrogação sobre a natureza do Eu em que se configura o contraponto "não ser"/ "ser".

"Não ser" onde se agrupam as marcas anuladoras representadas quer pela negatividade, quer por uma forma disfémica em que o agente poético é minimizado-

"Sou Jorge não destemido
/.../
Tenho medo das trovoadas
e de sangue derramado
se fantasmas nunca vi,
não quero vê-los também.
Não gosto de me deitar num quarto à noite às escuras.
/.../
Eu na verdade vos digo:
não passe de um D.Quixote
disfarçado por af,
sem a coragem de o ser."
(In "Poemas Autobiográficos")

Contudo, a negatividade aparece como categoria anuladora apenas das circunstâncias e não da essência. O poeta admite que se não fossem os condicionais, onde o medo, simbolizado pelos fantasmas da infância, interfere no dia-a-dia, comandaria os pobres e explorados no combate contra os tiranos.

"Mesmo assim que me dessem
o cavale de São Jorge,
a sua espada e veriam!
Sabla-ia empunhar
Na mão direita bem firme'
Com ela comandaria
inumeráveis legiões
de pobres e de espoliados

para irmos combater
os tiranos que há ainda."

O tempo é um elemento importante de demarcação entre o não ser/ser. O passado (a infância), sacrário da inocência, confronta-se com o presente (idade adulta), onde se dá a perda da pureza inicial, dispersada pelo fluir do tempo. E , porque a inocência é o estado anterior ao pecado, símbolo da simplicidade e da espontaneidade, o poeta invoca-a, desejando-a. Esta perda, condicionada pelo estatuto adulto, marca não só a sua escrita, insinuando "uma técnica de palavras ajustadas", levando o poeta a dizer : "Não houve mais inocência, / nem nunca mais eu senti/ esse agri-doce sabor/ dos meus versos de rapaz.", como ainda lhe retira a coragem e o inibe de pôr em prática o heroísmo representado pela "espada de pau da infância".

v Há, contudo, um desejo de adopção de uma perspectiva capaz de conferir sentido ao quotidiano e ao devir, não concretizada pelo sujeito poético, por factores relacionadas com a "paz burocrática", invocada várias vezes.

A sua individualidade parece ficar altamente prejudicada, subordinada à neutralidade e à inércia dos propósitos e valores que as circunstâncias lhe oferecem, escondida sob uma máscara quixotesca e mesmo essa não assumida. Nesta contradição em que a própria máscara(quixotesca) não é sequer assumida a adivinha-se um rosto. Qual? Será o do medroso, o prudente, o frustrado? ("Não tenho saudades do que fui/ Tenho é pena do que sou...)(2) Ou essa postura do Não ser será apenas a máscara utilizada intencionalmente para poder gozar o privilégio de ser exactamente o que é: o homem que busca a sua liberdade e revela, por forma hábil, os seus anseios de justiça, os seus ideais revolucionários, remetendo para o hipotético, para o condicional um propósito de vida que diz não ter realizado, mas que é enunciado ?

Em "Panfletário" (publicado postumamente), repete-se o mesmo processo de dissimulação em que o conflito da alteridade é colocado em termos políticos e sociais, expresso num optativo/condicional/hipotético:

(2) In "Desprendimento" , poema inédito inacabado.

"Era para eu/ser panfletário...

Combateria/ os tiranos/ os arbitfários/ os agiotas/ os ex-
ploradores da miséria/ e do trabalho dos pábres/ os homens
poderosos/ e os seus mandatários/ e bajuladores/ e as leis
que os protegem /

/.../

Não o fui./ O magnífico/ e heróico destino/ que eu imaginava/
tão liricamente/ser o meu/ venceram-me afinal/ a prudência/
o temor / a família/ venceu-o/ este meu outro / real/ e melancó-
lico/ destino burocrático."/

Neste poema, são enunciadas as várias razões inibidoras da realização da
"magnífica aventura" de ser panfletário, que tem a ver com o ganha-pão e a segu-
rança familiar que seriam postos em perigo. Daí o temor e a prudência.

O desejado (era para ser panfletário...) é, porém, dito e redito, actuali-
zando-se na escrita. "Esse outro real e melancólico destino burocrático" que
não permitiu a sua "magnífica aventura" opõe-se à sua condição de poeta definida
no seu poema "O Poeta", identificada com o "louco",
pelo seu poder de observação e descoberta das coisas que ninguém repara; "revo-
lucionário" por pedir aos ricos pão para os pobres; "visionário" por clamar
pela paz; "o mais modesto dos homens", por não querer honrarias nem prémios; e
"filósofo original" por não querer, depois de morto, pompas mortuárias. Quali-
dades inerentes ao "eu" poético, buscando nos ideais da singeleza o seu equi-
líbrio e harmonia:

"Eu queria ser simples naturalmente
sem o propósito de ser simples"

Se, por um lado, o poeta não se assume como panfletário e revolucionário,
embora o desejasse é, no entanto, na ilha- espaço de contenção- identifi-
cada com as grades da sua prisão- onde é feita a denúncia da realidade, divul-
gada no texto escrito (publicado ou por publicar)

Através da sua primeira obra, ARQUIPÉLAGO, são reveladas, pela primeira vez
na sua terra, em texto poético, as situações com as quais se defronta diaria-
mente o homem cabo-verdiano: a tragédia das secas e todo o corolário de des-
graças consequentes. No sub-texto, porém, evidenciam-se outras realidades:
as estruturas do colonialismo baseadas na repressão e no desencadear do medo.

Esse medo confessado pelo poeta parece, no entanto, ser ultrapassado pelo desafio das suas palavras escritas e levadas a público, em muitos dos seus poemas. É o caso do poema "Posse" (in DIABO, Lisboa, 1940) em que o fenómeno da colonização é analisado com uma coragem que desmente o temor referido e onde a ironia é a distanciação que lhe permite destruir para construir, analisando os motivos que movem a estrutura social-política do colonialismo.

A ironia pode funcionar como uma espécie de máscara, encobrindo a agressividade contida.

O poema "Onde" reflecte, mais do que ironia, o cepticismo do poeta quanto à existência de um lugar ideal. Deste modo, o sujeito poético que, habitualmente dá a imagem de um indivíduo idealista que acredita nos outros homens e nos grandes sentimentos, deixa-se vencer pela descrença.

"Onde/ o pão e o vinho é para todos
/.../
A casa é para todos/ o trabalho é para todos/ e não há
humilhações/ e não há perseguidos/

Onde
não há vossas excelências/ não há hierarquias/
não há explorações/ e por isso não há greves também/
/.../
Onde?

(In CABO VERDE, nº62, Nov. 1954)

A ironia que se confunde com a agressividade é visível em "Meio- Milénio" e em "Memorial de S. Tomé", "Panfletário", "Poemas Autobiográficos" e em alguns poemas de AMBIENTE e de CADERNO DE UM ILHEU. À medida que a violência recrudescer no mundo, a sua linguagem vai adquirindo nova força. Após a Segunda Guerra Mundial, quando o mundo julga não mais se repetirem as catástrofes do abuso de poder, a violência do colonialismo, por toda a África, não pode deixar indiferente nenhum poeta.

Em 1935, o poeta terminava ARQUIPÉLAGO com a frase "Mas o naufrágio continua," metaforizando a realidade existente.

De ARQUIPÉLAGO a poemas posteriores há um percurso na linguagem. Jorge Barbosa passará da metáfora à linguagem directa, o que pode significar que a máscara vai dar lugar ao verdadeiro rosto.

Nos anos 60, na Ilha de Sal, Jorge Barbosa escreve muitos poemas que ainda estão por publicar, cujo conteúdo desvenda o seu olhar político e social ("Meninas Portuárias", "Varredores" (Relato para o Senhor Presidente da Câmara Municipal da Ilha de S.Vicente) - onde ^{a autoridade} é interpelada e posta em causa - , "Panorâmica" e, sobretudo, "Ocorrência em Birmingham" (Talvez o único poema seu que tem a ver com o movimento da negritude).

"John/ de Birmingham/ Alabama/ USA

entrou na tabacaria

Foi insultado/ soqueado/ expulso.

Na rua/ o polícia/ espancou/ derrubou/ cuspiu/ prendeu o desordeiro.

Negro safado!"

Introduzindo um universo poético, na literatura cabo-verdiana, fazendo parte com outros inovadores da formação da CLARIDADE, criou algo de novo, virando uma página na História da Literatura de Cabo Verde. Essa razão bastaria para concluir que o "estar", "existir" e "actuar" sobre a realidade, em Jorge Barbosa, dependem "daquilo que é", embora, muitas vezes, se apresentem sob a máscara do que "poderia ser". O que prevalece, afinal, na atitude estética do poeta não é, como pode parecer, a incompatibilidade entre o ideal e o real, mas pelo contrário, a afirmação da essência sobre o circunstancial. O "eu", consubstanciado na sua definição de poeta ("louco", "revolucionário", "visionário", "o mais modesto dos homens" e "filósofo original") parece ser o rosto, deposta a máscara do medroso, do prudente e de burocrata.

É esse "eu" que o conduz à viagem, à descoberta, em busca da realidade e do conhecimento e que se concretiza em acto de escrita.

Maria Elsa Rodrigues dos Santos

Maria Elsa R. Rodrigues dos Santos